



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS GUARABIRA – CENTRO OSMAR DE AQUINO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

ALÍCIA DE OLIVEIRA TARGINO

**LIBRAS E A RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA: CONTRIBUIÇÕES
PARA A INCLUSÃO DA PESSOA SURDA**

GUARABIRA/PB

2019

ALÍCIA DE OLIVEIRA TARGINO

**LIBRAS E A RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA: CONTRIBUIÇÕES
PARA A INCLUSÃO DA PESSOA SURDA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Universidade Estadual da Paraíba UEPB como requisito básico para a conclusão do Curso de Pedagogia.

Área de concentração: Fundamentos da Educação e Formação Docente

Orientadora: Prof. Esp. Aline de Fátima Da Silva Araújo

GUARABIRA/PB

2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

T185l Targino, Alicia de Oliveira.
Libras e a relação família e escola [manuscrito] :
contribuições para a inclusão da pessoa surda / Alicia de
Oliveira Targino. - 2019.
51 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades , 2019.
"Orientação : Profa. Esp. Aline de Fátima da Silva Araújo ,
Coordenação do Curso de Pedagogia - CH."
1. Intérprete de LIBRAS. 2. Libras. 3. Intérprete de Libras.
4. Interação Escolar. 5. Participação familiar. I. Título
21. ed. CDD 371.9

ALÍCIA DE OLIVEIRA TARGINO

**LIBRAS E A RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA: CONTRIBUIÇÕES
PARA A INCLUSÃO DA PESSOA SURDA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
na Universidade Estadual da Paraíba UEPB
como requisito básico para a conclusão do
Curso de Pedagogia.
Área de concentração: Fundamentos da
Educação e Formação Docente

Aprovada em: 12/11/2019.

BANCA EXAMINADORA

Aline de Fátima da S. Araújo

Prof. Esp. Aline de Fátima da Silva Araújo (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Debora Regina Fernandes Benicio

Prof. Me. Debora Regina Fernandes Benicio
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Marcia Gomes dos Santos Silva

Prof. Me. Marcia Gomes dos Santos Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

À minha família, pela dedicação, companheirismo e amor, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus que permitiu que tudo isso acontecesse, por ter me dado força para a escrita e realização do meu TCC, sendo sempre minha inspiração.

À minha orientadora Aline pelo suporte, correções, incentivos e por toda dedicação ao longo dessa orientação.

A toda minha família, pelo amor, apoio e atenção, em especial a minha irmã Anailza por toda força e ajuda sempre que eu precisei.

Ao meu esposo que foi uma luz no meu caminho, me incentivando, me apoiando.

A intérprete de Libras Allyne Nogueira que muito me ajudou no decorrer desse trabalho.

A Gracinha, mãe da aluna pela dedicação em responder ao questionário.

Aos professores do Campus III, do curso de pedagogia por todos ensinamentos e conhecimentos transmitidos durante essa minha carreira acadêmica.

A minha supercoordenadora e diretora Valquíria que me auxiliou e me liberou nos momentos mais oportunos, agradeço também pelo carinho e apoio de sempre.

A todos os meus colegas de classe, em especial a Christian, Mayara, Edilene, Gilvania e Renata que durante esses cinco anos foram meu grupo de trabalho, pelos momentos de amizade e apoio.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito OBRIGADA!.

“O silêncio torna-se uma barreira entre surdos e ouvintes, mas a língua de sinais pode quebrá-la” (Autor desconhecido).

RESUMO

A Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) é essencial para o desenvolvimento do surdo enquanto sujeito inserido no espaço escolar e no meio social, nessa perspectiva, o presente estudo tem como objetivo analisar a LIBRAS e a relação família - escola como ferramentas fundamentais no processo de inclusão do aluno surdo. Trata-se, pois de um estudo qualitativo, onde a coleta de dados foi realizada por meio de entrevista semi-estruturada respondidas por uma intérprete de Libras atuante na escola, e pela mãe de uma aluna surda, matriculada e frequente na mesma instituição. O estudo foi produzido através da análise de discursos feita a partir das respostas das entrevistas. Autores como Quadros (1997); Honora & Frizanco (2009); Lacerda (2011) e Strobel (2008) trouxeram grandes contribuições para o desenvolvimento desta pesquisa. Através dos discursos foi possível compreender a grande importância da LIBRAS como língua materna dos surdos, promovendo interação e socialização entre surdos e ouvintes, fora destacado também a relevância da interação família e escola, levando em consideração que essa interação contribui de forma simultânea no desenvolvimento escolar e social do surdo. Conclui-se que a LIBRAS e a interação família e escola contribuem de forma satisfatória para o desenvolvimento escolar e social da pessoa surda, de forma que a LIBRAS é uma língua natural que é capaz de promover essa interação com o meio social, possibilitando criar um canal de comunicação entre surdos e ouvintes.

Palavras-Chave: LIBRAS. Interação família e escola. Intérprete de LIBRAS.

ABSTRACT

The Brazilian Sign Language (LIBRAS) is essential for the development of the deaf as a subject inserted in the school space and social environment. In this perspective, the present study aims to analyze LIBRAS and the Family-school relationship as a fundamental tool in the deaf student inclusion process. Therefore, this is a qualitative study, where the data collection was performed through questionnaires answered by a LIBRAS interpreter working at school, and by a deaf student's mother, enrolled and frequent in the same institution. The study was produced through discourse analysis made from the answers of the interviewed. Authors such as Quadros (1997); Honora & Frizanco (2009); Lacerda (2011) and Strobel (2008) brought great contributions to the development of this research. Through the speeches, it was possible to understand the great importance of LIBRAS as vernacular of the deaf, promoting interaction and socialization between deaf and hearer people, It was also highlighted the relevance of family and school interaction, considering that this interaction contributes simultaneously to the school and social development of the deaf. It is concluded that LIBRAS and the interaction between family and school contribute satisfactorily to the deaf person's school and social development, so that LIBRAS is a natural language that is able to promote this interaction with the social environment, making it possible to create a channel of communication between deaf and hearing people.

Keywords: LIBRAS. Family and school interaction. LIBRAS Interpreter.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DOS SURDOS	13
2.1 Um olhar sobre a educação dos surdos no Brasil	17
3. UM OLHAR SOBRE AS METODOLOGIAS DE ENSINO VOLTADO AO SURDO.....	20
4. A ESCOLA INCLUSIVA E OS MARCOS LEGAIS.....	23
5. A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS (LIBRAS).....	26
5.1 Aspectos linguísticos da Libras: Desmistificando mitos.....	27
6. ESCOLA E FAMÍLIA: UMA RELAÇÃO DE APRENDIZADO MUTUO	30
6.1 O papel do intérprete de Libras.....	31
7. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	34
8. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	36
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS.....	46
ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	49
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO COM A INTÉRPRETE.....	50
APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO APLICADO COM A MÃE.....	51

1. INTRODUÇÃO

Compreendemos que a inclusão escolar é um processo legal no cenário que vivemos, este é o momento oportuno para criar mudanças no currículo, para que se possa haver a inclusão do aluno surdo de fato, na prática, levando em consideração que o processo de ensino e aprendizagem de um aluno surdo é totalmente diferente de um ouvinte, ainda mais quando se trata de escola regular.

Nesse sentido a principal ferramenta para que haja a inclusão e o desenvolvimento da aprendizagem do aluno surdo, é a língua de sinais, permitindo que o aluno surdo tenha o direito de se expressar e que possa discutir assuntos dos mais variados temas, tornando a escola um lugar acolhedor e de direito para todos.

Segundo Fonseca, (apud. STOBAUS & MOSQUERA, 2004, p. 45):

[...] a escola assume-se como uma instituição social anti-discriminatória, na qual todos os estudantes, com ou sem problemas, integrados ou marginalizados, são acolhidos, na qual a exclusão é igual a zero, na qual todos podem se considerar proprietários dum bem social e dum sentimento comunitário profundo que é a inclusão total de todas as crianças na escola independente da sua diversidade biossocial.

Nesse sentido, é válido frisar a grande importância da inclusão nas escolas, para que aconteça um respeito mútuo, onde todas as pessoas tenham direitos de aprender e desenvolver, independentes de suas diferenças.

Discutir a educação dos surdos no contexto atual ainda é um grande desafio, pois, ainda existem pessoas que apresentam crenças e pensamentos equivocados enquanto as pessoas surdas. Discorrer sobre a pessoa surda na educação é uma tarefa não menos desafiadora, principalmente quando se discute acerca de propostas governamentais (leis) e de suas contribuições no contexto escolar.

Sobre a comunicação humana utiliza-se as palavras de Sánchez (apud QUADROS, 1997, p. 45):

A comunicação humana é essencialmente diferente e superior a toda outra forma de comunicação conhecida. Todos os seres humanos nascem com os mecanismos da linguagem específicos da espécie, e todos os desenvolvem normalmente, independente de qualquer fator racial, social ou cultural (1990, p.17).

Toda criança ao nascer já está sujeita a inúmeras relações que integram a linguagem para desenvolver a comunicação, seja ela de forma verbal ou visual. Com as pessoas surdas não é diferente, elas precisam e tem o direito de se comunicarem também. A Língua de Sinais permite que haja a comunicação entre surdos e ouvintes para que, assim, seja possível discutir todo e qualquer assunto, desde política até filosofia.

A problemática que se procura responder por meio dessa pesquisa ocorre através do seguinte questionamento: como se dá o processo educacional de uma aluna surda e quais as contribuições da língua brasileira de sinais através da interação entre família e escola?

E para responder determinado questionamento tem-se como objetivo geral desta pesquisa: Analisar a Libras e a relação família - escola como ferramentas fundamentais no processo de inclusão do aluno surdo. E para alcançar esse objetivo serão necessários os seguintes objetivos específicos: Abordar a trajetória histórica da pessoa surda; analisar quais as contribuições do uso da Libras nas escolas inclusivas; Constatar a relação família-escola no processo de inclusão do aluno surdo, e apresentar como ocorre a atuação do intérprete em sala de aula.

Essa pesquisa justifica-se a partir do interesse que senti pela temática, esse que por vez surgiu quando me deparei na faculdade com o componente curricular de Libras, que me fez refletir o quão importante é para nós enquanto futuros pedagogos estarmos aptos e preparados a receber também crianças surdas em nossas salas de aula. Foi então que senti a necessidade de compreender como se dá o processo de ensino de inclusão dos alunos surdos, enquanto sujeitos inseridos numa escola de ensino regular. Bem como, inteirar-me sobre as relações dos alunos surdos com pais ouvintes, buscando entender como ocorre a aproximação e o diálogo, para eventualmente gerar uma interação sócio-cultural do filho com o meio social.

Daí então, surgiu um anseio por pesquisar e me aprofundar na temática, para entender melhor como o uso da Libras é importante no cenário atual em que vivemos.

Nessa perspectiva foi escolhida a pesquisa qualitativa, pois trata de uma investigação em que serão abordados os aspectos qualitativos da temática que está sendo trabalhada. E para adentrar melhor a esses assuntos se faz necessário inteirar com os integrantes do corpo escolar envolvidos nesta proposta, aluna, intérprete de Libras, bem como a mãe da aluna, por meio da realização de questionários, trazendo outras indagações que permitiram conhecer mais sobre como se dá o uso da Libras que é um ponto de grande relevância social que pode surtir efeitos positivos no processo de ensino, auxiliando na aprendizagem dos alunos surdos. Para a coleta de dados foi usado o questionário, que por vez é um meio eficaz de obter

determinadas informações, respondendo assim aos questionamentos, proporcionando o conhecimento sobre o campo de pesquisa e o público alvo que por vez foi uma aluna surda, o intérprete de libras, e a mãe da aluna.

No capítulo intitulado “A história da educação dos surdos no mundo” será apresentado um recorte histórico de como se deu a educação dos surdos até os dias atuais, enfatizando sobre suas lutas e conquistas, bem como sobre a marginalização e segregação que os mesmos sofreram diante dos ouvintes. Em seguida mostrará a importância das três filosofias educacionais conhecidas por: oralismo, comunicação total e bilinguismo, para o processo de ensino e aprendizagem das pessoas surdas durante toda a história, trazendo as características e especificações de cada filosofia.

Os capítulos seguintes abordarão aspectos da escola inclusiva, bem como a língua de sinais como ferramenta relevante no processo educacional do aluno surdo, sua relevância, e as características dessa língua espaço-visual.

Seguindo o corpo do texto, será mencionando o importante papel do intérprete em sala de aula, sendo este o responsável por intermediar as informações em sala de aula, e as contribuições da relação e interação escola e família, para um melhor desenvolvimento do aluno. Será exposto também, alguns mitos e verdades sobre a língua de sinais, sendo esta uma língua natural, e materna dos surdos.

Acredita-se que a relação entre escola e família deve ser de reciprocidade e colaboração mútua, trata-se de harmonizar e trabalhar somando esforços. Dessa forma, será feito uma análise de dados, sobre como se dá o processo de inclusão de uma aluna surda em sala de aula de ensino regular, como também a relevância da relação família e escola para garantir o acesso e aprendizagem dessa aluna, para que a mesma possa ter um bom desenvolvimento educacional e social.

2. A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DOS SURDOS NO MUNDO

A finalidade deste tópico é fazer uma retrospectiva histórica sobre como se deu a educação dos surdos desde o período da antiguidade, até os dias atuais, enfatizando sobre as dificuldades e as conquistas alcançadas pela inclusão e educação das pessoas surdas.

Durante anos, os surdos lutaram em busca da sua identidade pessoal em meio à sociedade, pretendendo assegurar seus direitos e igualdade como todo e qualquer ser humano. No período que se inicia a antiguidade os surdos eram afastados do meio social, pelo fato de não ouvirem, isso fazia com que eles fossem rejeitados e isolados, pois ao mesmo tempo em que não ouviam eram considerados desqualificados para aprender e/ou se comunicar com outras pessoas.

Refletindo sob essa ideia vejamos o que diz Moura (2000, p.16):

[...] o pensamento não podia se desenvolver sem linguagem e que esta não se desenvolvia sem a fala. Desde que a fala não se desenvolvia sem a audição, quem não ouvia, não falava e não pensava, não podendo receber ensinamentos e, portanto, aprender.

Dessa forma, fica evidente que na antiguidade os surdos não eram considerados humanos, várias pessoas acreditavam que eles eram seres castigados pelos Deuses, muitos deles eram jogados de penhascos, trancados em asilos. Os surdos sofreram muitas exclusões e desigualdade social por trazerem consigo uma deficiência, por esse fato os gregos e romanos acreditavam que a fala era resultado do pensamento, imediatamente quem não falava, era incapaz de pensar segundo a lógica deles.

Foi também no período da antiguidade que por intermédio da igreja que começou a existir uma “educação” voltada para os surdos, a igreja católica com um propósito financeiro convidou monges para se tornarem preceptores, eles eram encarregados por instruir e educar os surdos filhos dos nobres, que se preocupavam com a exclusão que seus filhos podiam sofrer diante da sociedade.

Com o passar dos anos, seguiu-se com a idade moderna, foi exatamente nesse período onde se pode considerar o REVELAR na educação dos surdos, pois foi quando surgiram os primeiros professores, e os primeiros trabalhos realizados para com os surdos da época. Foi então que um monge Benedito chamado de Pedro Ponce de Leon, que morava em uma cidade da Espanha formou em seu próprio monastério uma escola para atender aos surdos. Lá ele utilizava um alfabeto bi-manual e alguns sinais sempre fazendo o uso das mãos para se comunicar e era também uma forma de educar os surdos.

De acordo com Honora & Frizanco (2009, p.20):

Ponce de Leon foi um tutor de muitos surdos e foi dado a ele o mérito de provar que a pessoa surda era capaz, contrariando a afirmação anterior de Aristóteles. Seus alunos foram pessoas importantes que dominavam filosofia, história, matemática e outras ciências, o que fez com que o trabalho de Leon fosse reconhecido em toda Europa. Pelo pouco que restou de registro de seu método, sabemos que o seu trabalho iniciava com o ensino da escrita, por meio dos nomes dos objetos, e em seguida o ensino da fala, começando pelos fonemas.

Ponce de Leon sendo um grande tutor conseguiu educar muitos surdos daquele período, sua estratégia teve resultados positivos, foi então que outros lugares começaram a ter um olhar mais sensível sobre os surdos ofertando aos mesmos mais oportunidades de se comunicar.

O médico italiano Gerolamo Cardano, afirma que os surdos poderiam sim receber instrução, declarando que essas pessoas conseguiam ler e escrever, mesmo que sem fala.

Outro grande educador da época foi “O abade Charles-Michel de L’Epée (1712-1789) foi um educador filantrópico francês que ficou conhecido como ‘pai dos surdos’ e também um dos primeiros que defendeu o uso da língua de sinais” (HONORA; FRIZANCO, 2009, p. 21) Ele defendia e acreditava que a língua materna dos surdos seria a língua de sinais, foi ele também que criou a primeira escola pública para surdos na cidade de Paris, no ano de 1760, nomeado como Instituto Nacional para Surdos-Mudos.

Pode-se considerar que foi na idade moderna, que se deu o período mais próspero na educação dos surdos, de fato, foi nesse momento que os surdos passaram a ser vistos e educados através da língua de sinais, onde podiam entender e discutir sobre diversos assuntos.

Diferente da idade moderna tem-se a idade contemporânea que se contrapõe, uma é considerada o revelar da educação dos surdos, a outra é vista como o ISOLAR, por seus métodos irracionais. A idade contemporânea trouxe a visão clínica, onde a pessoa surda deveria ser educada somente a partir da língua oral, banindo assim o uso da língua de sinais, foi considerado esse um período marcante para educação dos surdos.

Na idade contemporânea surgiram vários médicos e estudiosos apoiando a língua oral, um deles foi Jean Marc Itard, que utilizou de métodos “exagerados” com o fim de fazer os surdos ouvirem e oralizarem.

De acordo com Honora e Frizanco (2009, p.23):

Itard dedicou grande parte de seu tempo tentando entender quais as causas da surdez. Sua primeira constatação foi a de que a causa dela não era visível. Seus próximos passos foram dissecar cadáveres de surdos, dar descargas elétricas em seus

ouvidos, usar sanguessugas para provocar sangramentos e furar as membranas timpânicas de alunos, fazendo com que um deles fosse levado a morte e outros tivessem fraturas cranianas e infecções devido as suas intervenções. Itard nunca apendeu a língua de sinais (...).

Foi preciso dezesseis anos de tentativas que não obtiveram muitos resultados para que Itard pudesse entender que seus métodos não funcionavam, aceitando que os surdos podem e devem ser educados através da língua de sinais.

Itard, que utilizou de métodos “exagerados”, e chegou até dissecar cadáveres de surdos, provocar descargas elétricas em seus ouvidos e usar sanguessugas, tinha como fim fazer os surdos ouvirem e oralizarem, trazendo assim a visão clínica “(...) equivocada quanto aos seus princípios, que procurava a todo custo acabar com aquilo que não podia ser tratado, curado na maioria das vezes” (MOURA, 2000, p.26). Acreditando que o surdo teria que ser curado, e poder fazer uso da fala. No entanto, muitos foram os insucessos desses métodos.

No ano de 1880 aconteceu o 1º Congresso de surdos-mudos, realizado em Milão este tinha por finalidade decidir qual a melhor maneira de educar os surdos. A decisão foi feita a partir de uma votação com os participantes do congresso, onde havia apenas um integrante surdo, e o mesmo teve que se retirar no momento da votação.

De acordo com Strobel (2009, p.33):

Haviam 164 delegados no evento, sendo uma boa maioria de franceses e italianos a favor do oralismo, votou pela proibição da língua de sinais nas escolas da época. Apenas Estados Unidos e Inglaterra eram a favor do uso da língua de sinais. Os próprios educadores surdos foram proibidos de votar. Com a influência de Grahm Bell pelas criações de aparelhos auditivos, admirados e cridos como uma solução para a “cura” da surdez, o Congresso finalizou com a aprovação do método oral, único e exclusivo para a educação de surdos.

Foi então a partir do Congresso de Milão que foi decidido, que o método a ser usado daí por diante, seria o oralismo. “(...) o oralismo, contudo, é uma proposta educacional que contraria tais suposições: não permite que a língua de sinais seja usada nem na sala de aula nem no ambiente familiar, mesmo sendo esse formado por pessoas surda usuárias da língua de sinais” (QUADROS, 1997, p.22).

Impossibilitando e proibindo os surdos de se comunicarem através dos sinais. Dessa forma é válido ressaltar que houve um retrocesso nessa educação, pois quando os surdos já estavam bem encaminhados, através de uma determinação mundial eles voltaram á uma situação de submissão segregação e exclusão.

Nesse período, os surdos iam para a escola, porém não desenvolviam muitas habilidades “Durante os 80 anos de proibição do uso de sinais, os insucessos foram notados

em todo o mundo. Os surdos passavam por oito anos de escolaridade com poucas aquisições e saíam das escolas como sapateiros e costureiros”. (HONORA & FRIZANCO, 2009, p.26). Sendo assim, a proibição do uso de sinais implicou no que se diz respeito ao desenvolvimento dos surdos, mesmo passando pela escola, não tinham uma escolaridade capaz de promover para eles uma boa formação, como diz a sentença: “Saíam das escolas apenas como sapateiros e costureiros, utilizando assim a mão-de-obra barata”. (HONORA & FRIZANCO, 2009, p.26). Foi só a partir de 1970 que a utilização da língua de sinais voltou a ser aceita como manifestação linguística, dando assim espaço para a segunda filosofia educacional, conhecida como comunicação total, onde permitia o uso da língua oral e sinalizada ao mesmo tempo.

Segundo Ciccone (1996, p.06-08):

A Comunicação Total é uma filosofia de trabalho voltada para o atendimento e a educação de pessoas surdas. Não é, tão somente, mais um método na área e seria realmente, um equívoco considerá-la, inicialmente, como tal (...). A Comunicação Total, entretanto, não é uma filosofia educacional que se preocupa com ideais paternalistas. O que ela postula, isto sim, é uma valorização de abordagens alternativas, que possam permitir ao surdo ser alguém, com quem se possa trocar idéias, sentimentos, informações, desde sua mais tenra idade. Condições estas que permitam aos seus familiares (ouvintes, na grande maioria das vezes) e às escolas especializadas, as possibilidades de, verdadeiramente, liberarem as ofertas de chances reais para um seu desenvolvimento harmônico. Condições, portanto, para que lhe sejam franqueadas mais justas oportunidades, de modo que possa ele, por si mesmo lutar em busca de espaços sociais a que, inquestionavelmente, tem direito.

Com o surgimento da comunicação total, surge também um leque de alternativas de comunicação para que surdos e ouvintes pudessem se comunicar da forma que fosse desejada, seja através da língua de sinais, gestos, mímicas, ou outros modelos.

Em seguida, acompanhando o processo de desenvolvimento das filosofias educacionais, tem-se então, a terceira filosofia, conhecida como Bilinguismo. Conforme Goldfeld (1997, p. 42-43):

O bilinguismo tem como pressuposto básico que o surdo deve ser bilíngue, ou seja, deve adquirir como língua materna a língua de sinais, que é considerada língua natural dos surdos, e como segunda língua, a língua oficial de seu país. [...] O conceito mais importante que a filosofia bilíngue traz é que os surdos formam uma comunidade, com cultura e língua próprias. A noção de que o surdo deve, a todo custo, tentar aprender a modalidade oral da língua para poder se apropriar do padrão de normalidade é rejeitada por esta filosofia. Isto não significa que a aprendizagem da língua oral não seja importante para o surdo, ao contrário, este aprendizado é bastante desejado, mas não é percebido como único objetivo educacional do surdo, nem como possibilidade de minimizar as diferenças causadas pela surdez.

O bilinguismo nomeado como a terceira filosofia educacional, que tem a língua brasileira de sinais como língua materna, e em seguida como segunda língua, a língua

portuguesa escrita. Valorizando assim, a língua de sinais, possibilitando a construção da identidade surda, e promovendo o respeito perante as diferenças.

Percorrendo então esse trajeto histórico, percebem-se as grandes contribuições e influências que as filosofias educacionais trouxeram para a educação dos surdos.

O Plano Nacional de Educação, LEI N° 13.005/2014 visa em sua 4° meta:

4.7) garantir a oferta de educação bilíngue, em Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS como primeira língua e na modalidade escrita da Língua Portuguesa como segunda língua, aos (às) alunos (as) surdos e com deficiência auditiva de 0 (zero) a 17 (dezesete) anos, em escolas e classes bilíngues e em escolas inclusivas, nos termos do [art. 22 do Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005](#), e dos arts. 24 e 30 da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, bem como a adoção do Sistema Braille de leitura para cegos e surdos-cegos (BRASIL, 2014).

A proposta de escolas bilíngues é fruto das metas e estratégias do PNE 2014, com a finalidade de garantir aos surdos o acesso a educação básica, assegurando assim que os surdos tenham direito e reconhecimento da Libras como língua materna e do português escrito como segunda língua na modalidade escrita.

Foram anos de lutas, com conquistas e derrotas na educação dos surdos, mas sabe-se que, as filosofias educacionais contribuíram de forma satisfatória para essa educação, cada uma com sua especificidade e aspectos, promoveu discussões que foram em busca de um melhor método para educar os surdos, e criando novas oportunidades para a construção social e cultural dos alunos surdos.

2.1 Um olhar sobre a educação dos surdos no brasil

No Brasil começou a se falar sobre educação dos surdos, quando o educador francês Hernest Huet chegou ao País, ele veio através de um convite que fora feito pelo imperador Dom Pedro II, para fundar uma escola para surdos, Huet trouxe grandes contribuições para realizar um trabalho educacional com as pessoas surdas. É o responsável por trazer para o Brasil o alfabeto manual, e a língua francesa de sinais, onde enfatizou o uso e o início das pesquisas sobre a Língua Brasileira de Sinais, essa que tem grande influência da língua francesa.

Foi a partir de 26 de setembro de 1857, que o imperador Dom Pedro II fundou o Instituto de Surdos-Mudos do Rio de Janeiro, conhecido hoje como Instituto Nacional de Educação dos Surdos – INES. Segundo Mazzotta, (2005, p. 29):

D. Pedro II que, pela lei nº 839 de 26 de setembro de 1857, portanto, três anos após a criação do Instituto Benjamin Costant, fundou, também no Rio de Janeiro, o Imperial Instituto dos Surdos-Mudos. A criação desta escola ocorreu graças aos esforços de Ernesto Huet e seu irmão.

A partir desta lei, foi dada a largada para os trabalhos na área da educação dos surdos no Brasil, tornando assim uma grande conquista para a comunidade surda Brasileira. De início o método utilizado para educar os surdos, era por meio do uso da língua de sinais, porém a partir da determinação do congresso de Milão, passou a se fazer uso do oralismo puro.

O instituto recebeu vários diretores, que coordenavam cada um com sua maneira específica, adotando sempre o oralismo como única maneira de fazer com que o sujeito surdo pudesse ser incluído na sociedade. “Em 1951, assume a direção do instituto a Profa. Ana Rímoli de Fária Dória (...) A grande inovação do período de sua gestão foi a implementação do curso Normal de Formação de Professores para Surdos. (...)” (HONORA & FRIZANCO, 2009, p.27). Só o fato de trazer formação para professores com intuito de aprofundar os conhecimentos desses, torna Ana Rímoli uma grande profissional da educação por estar inteiramente interessada no desenvolvimento, tornando o instituto um espaço de grande referência entre todo o Brasil.

Dando continuidade aos trabalhos “Na década de 1970, com a visita de Ivete Vasconcelos, educadora de surdos da Universidade Gaulladet, chegou ao Brasil a filosofia de comunicação total (...)” (HONORA & FRIZANCO, 2009, p.28). Foi só então a partir dessa data que a filosofia da comunicação total trouxe para o Brasil suas contribuições, filosofia essa que como já foi citada, era capaz de promover a comunicação de diversas formas.

Seguindo com o tempo, após a realização de algumas pesquisas, é apresentado então, o bilinguismo, que surge como terceira filosofia educacional para educação dos surdos. Após realizadas algumas pesquisas, o bilinguismo que por vez, é caracterizado como terceira filosofia educacional, começa a ser difundido, esta filosofia propõe que o surdo deve aprender através de duas línguas, a primeira que é a língua de sinais, como língua própria e materna, e a segunda que é o português na modalidade escrita.

Não parando por aí, foram muitas conquistas que o Brasil obteve no que se trata da educação dos surdos.

Outros institutos fizeram parte da história da educação dos surdos no Brasil, como o Instituto Santa Teresinha, fundado em 1929, inicialmente em Campinas e transferido para São Paulo em 1933. Até o ano de 1970, funcionou como internato para meninas surdas, passando depois desta data a aceitar meninos surdos e trabalhar com o conceito de integração no ensino regular (...) (HONORA & FRIZANCO, 2009, p. 28).

O Brasil recebeu grandes contribuições, e obteve inúmeras conquistas enquanto a educação para os surdos, desde os primórdios, até os dias atuais, fazendo-nos refletir sobre o uso da Libras e a sua relevância para inclusão das pessoas surdas, e para o desenvolvimento da igualdade em meio social.

3. UM OLHAR SOBRE AS METODOLOGIAS DE ENSINO VOLTADO AO SURDO

Na história da educação voltada para os surdos encontra-se três filosofias que surgiram como métodos para ensiná-los, essas filosofias foram sendo criadas com o tempo, e cada uma possuía um modelo específico de como educar os surdos em determinada época.

A primeira filosofia surgiu no período da idade contemporânea por volta do século XVIII, e a partir das resoluções do Congresso de Milão (1880), é nomeado como ORALISMO, onde priorizava o uso da fala e rejeitava de forma explícita qualquer que fosse o uso da língua de sinais, o foco do oralismo era fazer com que o surdo desenvolvesse a oralidade, como uma forma de reabilitação.

O método oralista objetivava levar o surdo a falar e a desenvolver competência linguística oral, o que lhe permitiria desenvolver-se emocional, social e cognitivamente do modo mais normal possível, integrando-se, como um membro produtivo, ao mundo dos ouvintes (CAPOVILLA, 2000, p. 102).

Levando em consideração as palavras de Capovilla, o surdo era “obrigado” a aprender oralizar, pois logo ele se habituando com a língua de sinais, seria considerado o oposto do método oralista, que buscava caminhos para a não surdez, dessa forma, a criança surda não seria aceita pelos padrões impostos pela sociedade.

Sendo assim, a principal causa do oralismo era fazer com que o surdo se comunicasse através da fala, pois o método acredita que através da comunicação manual e visual não era possível detectar os sons que eram produzidos com a mesma intensidade. Como consequência do congresso de Milão os surdos foram proibidos de sinalizar, tornando assim um longo período “obscuro” na vida destes.

A proposta oralista voltada para educação os surdos desconsidera questões relacionadas à cultura e a sociedade surda, pois, mesmo que o surdo consiga oralizar ele só irá se comunicar com o grupo de pessoas com quem está habituado, dificultando assim sua interação com o meio social.

Depois de muito tempo da utilização do oralismo, foi perceptível os insucessos, daí a língua de sinais passou a ser vista como uma forma de comunicação dos surdos, caracterizando como uma verdadeira língua natural, e assim, após os descontentamentos com o oralismo surgiu a segunda filosofia que recebeu o nome de COMUNICAÇÃO TOTAL, “a comunicação total propõe “estabelecer um fluxo comunicativo direto com a criança através de todos os recursos imagináveis ou possíveis” (BEHARES, 2000, p.11). Sendo assim, qualquer

forma de comunicação era válida, possibilitando o uso de várias formas desde a língua de sinais até a leitura labial, o desenho, expressão facial, escrita e entre outras também eram vistas como forma de comunicação.

A comunicação total é uma proposta filosófica que pretende ver o surdo como uma pessoa capaz de se comunicar de várias formas, tem como causa primordial a preocupação com a comunicação entre surdos e surdos, e surdos e ouvintes. É válido observar que a comunicação total é um ponto positivo no que se trata da comunicação, por meio deste tipo de comunicação, as pessoas surdas passaram a ter espaço nas conversas e diálogos; no entanto, se tornava um pouco confuso, pois exigia muito esforço de quem estava a aprender.

A comunicação total adotou para si o bimodalismo que visa oralizar o surdo utilizando os sinais, na estrutura da língua portuguesa, sendo como um recurso para o ensino da língua oral, e do português sinalizado. Ou seja, o bimodalismo seria a mescla da Libras com o português, adotando a Libras como modalidade visual-espacial, e o português como modalidade oral-auditiva.

Após alguns anos, apresenta-se a terceira filosofia conhecida como BILINGUISMO, caracterizada como método mais adequado para educar os surdos, pois dava-lhes o direito de usar a língua de sinais como língua própria e materna, e a língua portuguesa na modalidade escrita, para a comunicação com as demais pessoas.

É característica do bilinguismo e ponto positivo de grande relevância, o uso de duas línguas, pois acredita que as faladas e as de sinais poderiam conviver lado a lado, mas não simultaneamente, levando o surdo a desenvolver habilidades na sua língua primária de sinais, e como segunda a escrita. O bilinguismo se difere do oralismo e da comunicação total, pois objetiva que o surdo primeiro se aproprie da língua de sinais, para depois, aprender a língua própria do seu País. No presente momento os pontos negativos do bilinguismo, relacionado as duas filosofias anteriores são poucos, talvez o que seja negativo, seja o despreparo de profissionais para atender e se comunicar.

O bilinguismo pretende fazer com que a criança aprenda o mais cedo possível, e sua proposta é dividir essa educação em duas línguas, a (L1) que é a Língua de Sinais e a (L2) que é o conhecimento da língua portuguesa na modalidade escrita, dessa forma, ao chegar à escola a criança já apresenta o domínio sobre a língua de sinais, sendo dever da escola, instruir os alunos na língua escrita.

Trazendo para nossa realidade brasileira, Lodi (2003, p. 39) destaca a “importância da Libras para a formação dos surdos, para que se tornem sujeitos críticos, formadores de opiniões, bons leitores e profissionais”. A Libras vem quebrar o preconceito de achar que os

surdos tem impossibilidades. Essa língua importantíssima permite que surdos e ouvintes possam discutir sobre diversos assuntos, e possa interagir com o meio social, possibilitando os surdos desenvolverem suas habilidades como qualquer outra pessoa.

No quadro 1 exponho uma síntese das filosofias educacionais voltadas para educação dos surdos, bem como suas principais formas de comunicação, e alguns aspectos relevantes de dado momento.

Quadro 1- Filosofias Educacionais dos Surdos

Filosofia Educacional	Principal Forma de Comunicação	Aspectos Relevantes
Oralismo	Língua Oral	<ul style="list-style-type: none"> • O surdo era visto como retardado • Reabilitação do surdo
Comunicação Total	Língua oral e escrita, sinais, expressão facial e corporal	<ul style="list-style-type: none"> • Fluxo comunicativo com vários recursos
Bilinguismo	Língua de sinais (L1) e língua portuguesa (L2)	<ul style="list-style-type: none"> • Importância da língua de sinais como formadora de opinião • Sujeitos críticos e reflexivos

Fonte: Elaborado pela autora

As filosofias educacionais voltadas para a educação dos surdos foram grandes aliadas, e trouxeram várias contribuições para o educar e o instruir das pessoas surdas, pois a comunicação é fundamental para que se haja a construção da identidade desses sujeitos. O processo da educação dos surdos passou por várias filosofias, estas que foram vistas no desenrolar desse capítulo, e cada uma apresentou-se de forma distintas, com seus pontos positivos e negativos, mas também com suas contribuições para determinado momento da história.

4. A ESCOLA INCLUSIVA E OS MARCOS LEGAIS

Falar sobre inclusão em meio escolar ainda é assunto que pode ser considerado novo, pois ainda se buscam melhorias para implantar um ensino de qualidade e com eficácia nas escolas, para que possam receber também pessoas com deficiência, pois não é apenas permitir o acesso à escola, se faz necessário ministrar um ensino que seja de qualidade para todos

Nesse sentido Meirieu (2005, p. 44) nos faz refletir sobre o assunto, quando afirma:

Abrir a Escola para todos não é uma escolha entre outras: é a própria vocação dessa instituição, uma exigência consubstancial de sua existência, plenamente coerente com seu princípio fundamental. Uma escola que exclui não é uma escola [...]. A Escola, propriamente, é uma instituição aberta a todas as crianças, uma instituição que tem a preocupação de não descartar ninguém, de fazer com que se compartilhem os saberes que ela deve ensinar a todos. Sem nenhuma reserva.

A escola é uma instituição de grande valia para o ser humano, pois ela é responsável por formar cidadãos de bem. O dever da mesma não é somente receber os alunos, mas ver além do que ele é, ou seja, enxergar em cada aluno seu potencial para a escola e para o mundo. É também um lugar onde todos têm o direito de se expressarem e de exporem suas potencialidades. Ela tem por fim, garantir a todos o acesso ao conhecimento, dando espaço para que se faça existir igualdade perante as variadas diferenças, onde todos possam aprender e desenvolver suas habilidades.

Mesmo as escolas que são consideradas de ensino comum e regular, não vão intervir no processo de ensino e aprendizagem do aluno com deficiência. Nesse caso dá-se foco ao aluno surdo, pois o que faz a diferença na execução da educação, é a excelência com a qual o trabalho é feito, a partir de práticas pedagógicas e profissionais que estejam realmente interessados em desenvolver um bom trabalho.

A idéia de inclusão fundamenta-se numa filosofia que reconhece e aceita a diversidade na vida em sociedade. Isto significa garantia de acesso de todos a todas as oportunidades, independentemente das peculiaridades de cada indivíduo ou grupo social (ARANHA, 2001, p.35).

Em momento algum a escola pode excluir um aluno argumentando ou alegando não saber atuar com ele ou não ter professores capacitados para desenvolver determinado trabalho. Toda escola seja ela de ensino regular ou especial deve estabelecer-se para oferecer educação de qualidade para todos.

A inclusão escolar tem se tornado um movimento mundial, cujo propósito é incluir alunos surdos desde a educação infantil até o ensino superior, para se ter mais resultados positivos sobre a inclusão do surdo, foi adotada nos cursos superiores de professores e fonoaudiologia a Libras como disciplina curricular, para que profissionais como professores entre outros sejam capacitados para melhor receber esses alunos.

E para adentrarmos com mais clareza a essa discussão vamos nos reportar o que diz o capítulo II do Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005:

Art. 3º A Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios.

§ 1º Todos os cursos de licenciatura, nas diferentes áreas do conhecimento, o curso normal de nível médio, o curso normal superior, o curso de Pedagogia e o curso de Educação Especial são considerados cursos de formação de professores e profissionais da educação para o exercício do magistério.

§ 2º A Libras constituir-se-á em disciplina curricular optativa nos demais cursos de educação superior e na educação profissional, a partir de um ano da publicação deste Decreto (BRASIL, 2005).

A partir da citação acima já podemos ver o direito garantido, não só de inserir a Libras como disciplina curricular nos cursos superiores, mas de poder cada dia mais está formando profissionais mais capacitados, atualizados e preparados para lidar com as atipicidades dos nossos alunos, promovendo a inclusão dos mesmos nesse mundo tão cheio de adversidades.

Na Resolução do Conselho Nacional de Educação (CNE), que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica, há referência à inclusão e à formação de professores:

A Educação Básica deve ser inclusiva, no sentido de atender a uma política de integração dos alunos com necessidades educacionais especiais nas classes comuns dos sistemas de ensino. Isso exige que a formação dos professores das diferentes etapas da Educação Básica inclua conhecimentos relativos à educação desses alunos. (BRASIL, 2001, p. 25-26).

Sendo assim, todos os professores desde a educação básica, devem estar atentos para desenvolverem competências para trabalhar também com alunos que cheguem à escola, e em suas respectivas salas de aula apresentando alguma ou algumas deficiências.

Levando em consideração todo o contexto educacional, a inclusão do aluno surdo em sala de aula de ensino regular, tem todo um processo a seguir, a começar pela mudança no currículo da escola, e também nos documentos que regem a unidade escolar, o aluno surdo tem por direito um tratamento diferenciado, e obter profissionais específicos para trabalhar

com ele, atendendo suas particularidades, respeitando acima de tudo suas diferenças e desenvolvendo seu potencial.

5. A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS (LIBRAS)

A língua brasileira de sinais LIBRAS é a língua utilizada pelas comunidades surdas do Brasil, elas fazem o uso da mesma para se comunicar e mostrar que eles também têm direito a comunicação através da sua língua materna. A Libras passou a ser oficialmente conhecida e regulamentada na data de 24 de abril de 2002 e recebe o número 10.436, assim o Brasil se torna um país bilíngue com duas línguas oficialmente reconhecidas. Vejamos o que diz o Art. 1º dessa Lei:

Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados.
Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema lingüístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema lingüístico de transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil. (BRASIL,2002).

Sendo assim, a partir desta lei, a Libras é conhecida como uma forma de comunicação e expressão, onde se usa o espaço viso-gestual como forma comunicativa, possuindo assim também uma estrutura gramatical assim como a língua portuguesa, ou qualquer outra.

E para o verdadeiro cumprimento dessa lei, tem-se o decreto nº 5.626 de 2005 que a regulamenta. O decreto em si demanda de uma gama de informações importantes, cito aqui alguns dos artigos, onde se faça possível fazer a relação da lei com a inclusão da Libras, e das pessoas surdas no âmbito educacional. Em seu artigo 2º regulamenta:

Para os fins deste decreto, considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais – Libras (BRASIL, 2005).

Outro ponto que se faz importante ressaltar é:

Art. 22. As instituições federais de ensino responsáveis pela educação básica devem garantir a inclusão de alunos surdos ou com deficiência auditiva, por meio da organização de: I - escolas e classes de educação bilíngue, abertas a alunos surdos e ouvintes, com professores bilíngues, na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental. § 1º São denominadas escolas ou classes de educação bilíngue aquelas em que a Libras e a modalidade escrita da Língua Portuguesa sejam línguas de instrução, utilizadas no desenvolvimento de todo o processo educativo (BRASIL, 2005).

De acordo com o decreto acima é importante destacar que é preciso oportunizar a pessoa surda o mais cedo possível um ambiente com salas de aula e escola que desenvolva um ensino bilíngue, enfatizando o ensino da Libras como sua língua materna e da língua portuguesa como segunda língua, desenvolvendo a linguagem e cognição do aluno surdo.

Portanto torna-se imprescindível oferecer ao surdo um ambiente bilíngue, onde se tenha um único objetivo, o de incluir o surdo no ambiente onde ele está inserido permitindo-o se comunicar com as pessoas que estão ao seu redor, pois não são os surdos que tem que se adequar a língua dos ouvintes e sim os ouvintes a língua dos surdos. A partir desses encaminhamentos é possível que os surdos desenvolvam suas potencialidades e capacidades criativas, vindo a torna-se futuros construtores do seu aprendizado.

5.1 Aspectos linguísticos da libras: desmistificando mitos

A língua de sinais por ser uma língua espaço-visual, apresenta inúmeros mitos que precisam e devem ser quebrados. Algumas pessoas ainda apresentam ideias equivocadas sobre a Língua de Sinais por falta de conhecimento sobre a mesma. Será exposta uma lista com alguns mitos e as desmistificações dos mesmos, comprovando que a Libras é uma língua natural e genuína.

O primeiro mito a ser discutido corresponde à ideia de que a língua de sinais é universal, esta ideia está relacionada ao fato de ser uma língua visual, daí acredita-se que a comunicação dos surdos é a mesma em todo mundo, porém assim como existe línguas orais distintas no Brasil, Japão, França etc, cada País também tem sua própria língua de sinais.

A língua de sinais seria um sistema de comunicação artificial com conteúdo restrito? MITO, a língua de sinais que é utilizada pelos surdos acontece de forma natural e pode ser usada para debater vários assuntos desde filosofia até política, a mesma pode ser usada para expressar conceitos abstratos, expressar sentimentos, emoções entre outros, tornando a língua de sinais reconhecida como qualquer outra língua.

As línguas de sinais são línguas naturais porque como as línguas orais surgiram espontaneamente da interação entre pessoas e porque devido à sua estrutura permitem a expressão de qualquer conceito - descritivo, emotivo, racional, literal, metafórico, concreto, abstrato - enfim, permitem a expressão de qualquer significado decorrente da necessidade comunicativa e expressiva do ser humano (BRITO, 1998, p. 19).

A língua de sinais é LÍNGUA não devendo ser confundida com LINGUAGEM, a mesma tem uma forma de comunicação própria, apresenta aspectos como regras gramaticais, léxicos e entre outros, da mesma forma, é possível realizar uma comunicação concreta através da língua de sinais. Outro mito que é bastante recorrente, por se tratar de uma língua com modalidade diferente é o de: ser uma língua totalmente icônica, pois acredita-se que os sinais são criados a partir da representação do referente, o que deve ser levado em consideração é que, de fato existem sinais que lembram o referente, no entanto, a Libras é uma língua ora icônica, ora arbitrária.

A língua de sinais embora seja espaço-gestual, apresenta um termo denominado por fonologia, que é responsável pelos aspectos linguísticos, e da formação dos sinais. Vejamos a seguir, o que nos diz Quadros (2004, p.47) sobre a fonologia das línguas de sinais.

Fonologia das línguas de sinais é o ramo da lingüística que objetiva identificar a estrutura e a organização dos constituintes fonológicos, propondo modelos descritivos e explanatórios. A primeira tarefa da fonologia para língua de sinais é determinar quais são as unidades mínimas que formam os sinais. A segunda tarefa é estabelecer quais são os padrões possíveis de combinação entre essas unidades e as variações possíveis no ambiente fonológico.

Os sinais apresentam cinco parâmetros principais em sua composição, tais como: configuração de mão, locação, movimento, orientação, e expressão facial e corporal. A configuração de mão é a forma que a mão assume na realização do sinal. Locação é o lugar do corpo em que o sinal será realizado. Já o movimento retrata o descolamento da mão que acontece no momento da execução do sinal, é válido ressaltar que os sinais podem ter ou não movimento. O parâmetro orientação, se refere à direção que o sinal toma. E por último, tem-se os elementos não manuais, que são as expressões faciais e corporais que são responsáveis por distinguir significados entre sinais.

Outro mito que aparece com frequência sobre a língua de sinais é o de: A Libras ser o alfabeto manual. Muitos ainda acham que a comunicação pela língua de sinais, acontece tão somente pelo uso do alfabeto manual (datilologia), o que é um pensamento equivocado, pois se pararmos para pensar, seria muito complicado realizar um diálogo usando apenas a datilologia, o que dificultaria até o entendimento do que estaria sendo comunicado. Segundo Gesser (2009, p.28), “O alfabeto manual, utilizado para soletrar manualmente as palavras (...) é apenas um recurso utilizado por falantes da língua de sinais. Não é uma língua, e sim um código de representação das letras alfabéticas”. O alfabeto manual por vez, é a representação

ortográfica do português, sendo um instrumento para descrever nomes de pessoas, objetos que não apresentem um sinal na Libras.

Embora os mitos sejam narrativas históricas de algum tempo atrás, ainda se fazem presente nos dias de hoje, ainda existem muitos pensamentos distorcidos voltados às pessoas surdas, e ao uso da língua de sinais. A Libras deve ser entendida, respeitada e aceita, tal como as línguas faladas, pois a mesma é a língua natural e materna dos surdos.

6. ESCOLA E FAMÍLIA: UMA RELAÇÃO DE APRENDIZADO MÚTUO

A família é a primeira instituição que a criança faz parte, é nela que são desenvolvidos os valores necessários para a formação cidadã de qualquer ser humano, é nela que são fortalecidos os bons hábitos, respeito, cultura e educação essencial para o desenvolvimento de uma sociedade inclusiva.

A relação e interação entre escola e família é considerado um gancho muito importante no processo de desenvolvimento do aluno. Nesse sentido é primordial que as duas instituições andem de mãos dadas e saibam fazer bom proveito dos benefícios que essa relação proporciona, e assim, venham a contribuir em um melhor desenvolvimento no aprendizado desse aluno que por vez, também é filho.

Fazendo uso das palavras de Parolim (2003, p. 99):

Tanto a família quanto a escola desejam a mesma coisa: preparar as crianças para o mundo; no entanto a família tem suas particularidades que a diferenciam da escola, e suas necessidades que a aproximam dessa mesma instituição. A escola tem sua metodologia e filosofia para educar uma criança, no entanto ela necessita da família para concretizar seu projeto educativo.

Sendo assim, é válido frisar a necessidade dessa parceria tão valiosa para a vida do aluno, para que assim possa haver uma interação recíproca, buscando juntos o mesmo objetivo: A promoção social e educacional na vida do educando, estabelecendo assim um bom relacionamento entre escola e família.

Costuma-se dizer que a família educa e a escola ensina, ou seja, à família cabe oferecer à criança e ao adolescente a pauta ética para a vida em sociedade e a escola instruí-lo, para que possam fazer frente às exigências competitivas do mundo na luta pela sobrevivência (OSÓRIO, 1996, p.82).

Cabe então mais uma vez refletir sobre quão grande é a importância de haver uma relação, pois esta vem promover eficiência e qualidade no ensino dos alunos e filhos. Fazendo uso das palavras de Osório, pode-se ver que ambas as instituições tem papéis e deveres distintos, no entanto devem trabalhar e caminhar sempre com o mesmo objetivo de promover cada vez mais equidade, e oportunidade para todas as pessoas, formando cidadãos e firmando uma verdadeira parceria.

A interação da família com a escola é um processo de suma relevância, principalmente quando se trata de um aluno surdo, pois, a família também passa por um processo de adaptação e aprendizagem, daí então é importante que ambos estejam unidos e ligados para

que juntos superem as barreiras e desafios de aprendizagem e comunicação que possam vir a acontecer, garantindo também ao aluno a segurança para conseguir desenvolver suas habilidades com mais êxito.

Outro ponto importante que cabe frisar, é que, em alguns casos ou até na maioria deles, a família de um aluno surdo tem uma certa dificuldade ou restrição pela diferença que seu filho apresenta diante dos outros alunos, sendo assim essa relação de apoio mútuo vem a fortalecer para que tanto a escola como família estejam mais abertas para viver novas experiências, e assim contribuir de forma positiva no processo de ensino e aprendizagem desse aluno, mas também, no seu relacionamento e interação com a sociedade atual.

Conforme o modelo Piagetiano, o vínculo escola-família prevê o respeito mútuo, o que significa tornar paralelos os papéis de pais e professores, para que os pais garantam as possibilidades de explorarem suas opiniões, ouvirem os professores sem receio de serem avaliados, criticados, trocarem pontos de vista (JARDIM, 2000, p.41).

O diálogo entre pais e professores é uma ferramenta de grande importância quando se trata dos avanços de um aluno, é preciso também criar um respeito mútuo entre os dois lados (pais e professores), fazendo com que seja possível ouvir e dar opiniões, e juntos buscar resolver problemas quando acontecerem e estarem sempre dispostos a realizar um trabalho conjunto de excelência.

Ao tratar da relação família e escola no processo de aprendizagem do aluno surdo, é possível mencionar a importância da Libras como canal de comunicação, pois o aluno surdo pode e deve se desenvolver como um aluno ouvinte, porém, é preciso um canal linguístico em comum com as demais pessoas. Esse canal de comunicação acontece através do Intérprete de Libras, mas também dos demais professores, e da própria família que esteja disposta a adentrar no mundo da língua de sinais e se adaptar a realidade do aluno/filho, para assim tornar possível a aquisição de conhecimento de escola e de mundo.

6.1 O papel do intérprete de libras

Nos dias atuais a Libras é língua de grande relevância para a comunicação humana, pois possibilita a interação entre surdos e ouvintes, neste ponto irá ser abordado a grande importância do papel desenvolvido pelo intérprete de Libras na vida do educando, onde o mesmo vem facilitar a promoção da acessibilidade linguística do aluno.

Pode-se então iniciar o assunto, fazendo o seguinte questionamento: Quem é o Intérprete de Libras? “É o profissional que domina a língua de sinais e a língua falada do país e que é qualificado para desempenhar a função de intérprete”. (BRASIL, 2004, p.27), e que o mesmo é qualificado para desenvolver determinada função, provocando a interação social e cultural.

É papel do intérprete de Libras realizar a interpretação da língua falada para a língua sinalizada e vice-versa observando os seguintes preceitos éticos:

a) confiabilidade (sigilo profissional); b) imparcialidade (o intérprete deve ser neutro e não interferir com opiniões próprias); c) discrição (o intérprete deve estabelecer limites no seu envolvimento durante a atuação); d) distância profissional (o profissional intérprete e sua vida pessoal são separados); e) fidelidade (a interpretação deve ser fiel, o intérprete não pode alterar a informação por querer ajudar ou ter opiniões a respeito de algum assunto, o objetivo da interpretação é passar o que realmente foi dito) (BRASIL, 2004, P.28).

O profissional intérprete de Libras carrega consigo uma grande tarefa, que precisa ser desempenhada com responsabilidade, tendo sempre confiabilidade, pois ele é quem é responsável por garantir a transmissão de conhecimento para o aluno, bem como fazer fluir a comunicação no que se trata dos quesitos social e cultural, tendo como consequência facilitar a vida dos surdos em vários sentidos, promovendo entre eles a participação em várias atividades, o avanço em termos educacionais e também a participações em encontros da vida social.

A presença dos intérpretes de Libras se deu em primeiro momento no meio religioso, onde começaram a desenvolver seus trabalhos com as pessoas surdas. Pois se tinha a necessidade de haver um profissional capacitado para auxiliar pais e professores no contato e convívio com a pessoa surda. Desde então o intérprete vem desenvolvendo um trabalho de excelência no que se trata da interação do surdo com o meio social. Vejamos alguns aspectos históricos sobre a atuação do intérprete:

a) Presença de intérpretes de língua de sinais em trabalhos religiosos iniciados por volta dos anos 80. b) Em 1988, realizou-se o I Encontro Nacional de Intérpretes de Língua de Sinais organizado pela FENEIS que propiciou, pela primeira vez, o intercâmbio entre alguns intérpretes do Brasil e a avaliação sobre a ética do profissional intérprete. c) Em 1992, realizou-se o II Encontro Nacional de Intérpretes de Língua de Sinais, também organizado pela FENEIS que promoveu o intercâmbio entre as diferentes experiências dos intérpretes no país, discussões e votação do regimento interno do Departamento Nacional de Intérpretes fundado mediante a aprovação do mesmo(...) (BRASIL, 2004, p.14-15).

A trajetória histórica desse profissional de extrema importância acarreta grandes valores até chegar nos dias atuais, onde no cenário em que vivemos é possível observar algumas leis que regulamenta a profissão de tradutor e intérprete de Língua Brasileira de Sinais, uma dessas leis é nº 12.319 de 2010, que traz em seu primeiro e segundo artigo, a determinação:

Art. 1º Esta Lei regulamenta o exercício da profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS.
Art. 2º O tradutor e intérprete terá competência para realizar interpretação das 2 (duas) línguas de maneira simultânea ou consecutiva e proficiência em tradução e interpretação da Libras e da Língua Portuguesa (BRASIL, 2010).

O intérprete de Libras por vez terá a função de promover e garantir essa interação e comunicação do surdo com os demais ouvintes, permitindo assim também a interação com o meio social. Vejamos o que diz Roy (2000) citado por Leite, 2004 p. 41:

(1) O intérprete faz mais do que transferir o conteúdo lingüístico das mensagens; (2) É necessário estudar a interação entre todos os participantes; (3) O estudo da interpretação requer efetivamente gravação e transcrição da fala; (4) Encontros só podem ser entendidos quando considerados à luz das relações entre os participantes, suas intenções, seus objetivos, seqüências discursivas, e outros elementos do discurso; (5) Intérpretes negociam o sentido das mensagens que estão implícitas nas mensagens dos outros, não exatamente o sentido das palavras.

É necessário que o intérprete antes de tudo seja um profissional observador. Tendo em vista que a língua sinais é uma língua espaço-visual, é necessário estar atento aos vários elementos presentes no discurso para que assim a comunicação seja feita de forma correta e satisfatória. O intérprete por vez, é o profissional que tem contato mais próximo com o aluno surdo, isso faz com que o mesmo esteja atento a possíveis dificuldades que o surdo esteja enfrentado, buscando auxiliar os professores e demais profissionais a resolver tais dificuldades, aprimorando assim o conhecimento do aluno.

7. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta pesquisa, foi desenvolvido um estudo de caso com enfoque qualitativo, onde se trata de uma investigação no contexto da vida real.

Um estudo de caso é uma história de um fenômeno passado ou atual, elaborada a partir de múltiplas fontes de provas, que pode incluir dados da observação direta e entrevistas sistemáticas, bem como pesquisas em arquivos públicos e privados (VOSS; TSIKRIKTSIS; FROHLICH, 2002).

Trata-se pois, de um método qualitativo, onde é possível obter informações concretas sobre o objeto estudado, contribuindo para melhor compreensão do que se está sendo pesquisado, nesse sentido foram realizadas entrevistas semi-estruturadas, que de acordo com Triviños (1987, p. 146)

a entrevista semi-estruturada tem como característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa. Os questionamentos dariam frutos a novas hipóteses surgidas a partir das respostas dos informantes.

A escolha pelo instrumento de coleta de dados ser a entrevista foi porque é por meio dela que foi possível responder as indagações feitas, fazendo com que alcançasse o resultado da pesquisa.

Foram então aplicados dois roteiros de entrevista diferentes, um com a mãe da aluna, com intuito de capturar informações sobre o convívio com a filha e a relevância da Libras na comunicação, e a outra entrevista foi desenvolvida com a intérprete de Libras atuante da escola, buscando compreender como se dá a relação da família com a escola, e como é o processo de interação da aluna com os demais, dentre outras informações. A entrevista “(...) favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade (...)” além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações (TRIVIÑOS, 1987, p. 152). A entrevista é o meio por onde será possível obter informações concretas sobre como acontece o uso e a interação com a Libras e como se dá sua prática na escola campo, através dos relatos da intérprete que respondeu aos questionamentos da pesquisa. na referida instituição, bem como da mãe de uma aluna, articulando essas ideias com elementos do contexto que ajudaram a compreender melhor os discursos presentes.

O lócus da pesquisa foi uma escola de ensino fundamental no município de Passa e Fica- RN. A referida escola trabalhava com a inclusão de alunos surdos desde o ano de 2017,

onde dispõe de uma intérprete de Libras para atender essa aluna, vale salientar que, era a única aluna surda matriculada nessa escola. Este estudo está embasado em documentos legais, como também com base em autores que relatam sobre o tema.

A escola escolhida faz parte da rede municipal de ensino do município de Passa e Fica. O motivo da escolha foi pelo fato de ser a escola referência dessa cidade, por apresentar um sistema de suporte para incluir todos os alunos. A referente escola atendia aluno surdo desde o ano de 2017, tendo como integrante do corpo escolar a intérprete de Libras, que trabalhava na instituição também desde o mesmo ano.

8. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para a realização dessa pesquisa, foram aplicados dois questionários, um á mãe da aluna surda, outro a intérprete de Libras, ambos buscaram obter respostas sobre o quão a Libras é importante para inclusão educacional e social do surdo. Na análise das respostas, foi possível observar a relevância da Libras, e da relação família e escola para o processo de desenvolvimento do aluno/filho surdo.

As perguntas e respostas a seguir foram direcionadas a intérprete de Libras:

Questão 1:

Quando ocorreu o ingresso da aluna na escola e como foi o processo de adaptação entre os alunos surdos e ouvintes?

Intérprete: *Quando eu cheguei na escola no ano de 2017, a aluna já estava , porém era seu primeiro ano naquela instituição. A aluna cursava o 5º ano do ensino fundamental e sua adaptação com a turma ocorreu de forma prazerosa, os colegas ouvintes ficaram todos empolgados para aprender a língua de sinais para se comunicar com a colega surda.*

É válido ressaltar que a intérprete de Libras chegou no ambiente escolar um pouco depois que a aluna já estava matriculada e frequentando, desde então, foi pensando na acessibilidade e inclusão, que se fez necessário o auxílio da intérprete de Libras na sala de aula, ajudando a promover a interação e relação com todos os sujeito na escola.

É possível observar que o fato de receber uma aluna surda no espaço da sala de aula, instigou os demais alunos presentes naquela sala, fazendo com que eles ficassem empolgados para aprender a se comunicar em Libras, pois é uma língua diferente do que eles eram habituados a ver. Para Sassaki (1997, p. 171), “A inclusão social é o processo pelo qual a sociedade e a pessoa com deficiência procuram adaptar-se mutuamente tendo em vista a equiparação de oportunidades e, conseqüentemente, uma sociedade para todos”. Nesse sentido, o papel era promover a inclusão e interação com a aluna surda, fazendo com que essa inclusão pudesse ir além dos muros da escola.

Questão 2:

A aluna aprendeu a sua língua Libras na escola, ou já sabia? Se foi na escola, quem a ensinou?

Intérprete: *A aluna chegou à escola com o domínio da língua de sinais, a mesma foi alfabetizada pelo Centro de Apoio ao Surdo (CAS) e por sua família.*

Na fala da intérprete já podemos perceber a importância do artefato familiar, onde a família buscou se aprofundar na cultura surda e sobre o conhecimento da Língua Brasileira de Sinais, buscando meios de se comunicar e proporcionar a interação da família com a filha surda. É nesse momento que a família desempenha um papel de grande relevância, pois o fato de seus membros saberem se comunicar através da Língua de Sinais, permite a sua filha uma situação de aceitação da identidade surda, tornando o ambiente favorável para o diálogo, promovendo uma troca de saberes, e um desenvolvimento satisfatório entre todos os membros dessa instituição familiar, para que assim, ao chegar na escola a aluna desenvolva suas habilidades.

A participação dos pais, por meio do estabelecimento de uma relação de confiança mútua com os filhos surdos, contribui para a elevação da auto estima destes, bem como para que não se sintam diferentes, rejeitados ou incapazes ao ingresso em uma escola e iniciarem os primeiros contatos com leitura e a escrita (FERNANDES, 2011, p. 96).

É necessário haver conhecimento em Libras por parte de todos os integrantes que fazem parte desse processo para facilitar a comunicação e gerar uma relação sadia entre a pessoa surda, e as demais que são ouvintes.

A língua de sinais é uma das principais marca da identidade de um povo surdo, pois é uma das peculiaridades da cultura surda, é uma forma de comunicação que capta as experiências visuais dos sujeitos surdos, sendo que é esta língua que vai levar o surdo a transmitir e proporcionar-lhe a aquisição de conhecimento universal (STROBEL, 2008, p. 45).

A Língua de Sinais é o ponto que permite haver a comunicação entre surdos e surdos, e surdos e ouvintes. É uma língua natural e genuína que permite preservar e intensificar a cultura e identidade da pessoa surda. É a responsável por promover aos surdos o conhecimento de si mesmo e de mundo, tornando um ser inserido e ativo no meio social.

Questão 3:

Como é a relação com os colegas de classe ouvintes, intérprete e demais professores?

Intérprete: *A relação é bastante interativa, a aluna surda é muito participativa, gosta de se comunicar com todos, faz questão de ensinar os sinais aos colegas de sala, professores e*

demais funcionários da escola, a relação com o intérprete é harmoniosa, a aluna sempre esta atenta às explicações e traduções.

Na fala da intérprete pode-se observar que a relação acontece de forma harmoniosa, coisa que é importante, pois através da comunicação é possível existir trocas de experiências e conhecimentos, o que contribui para uma participação social. É por meio da Libras também que a aluna surda tem uma vida social se dando bem e interagindo com todos que a cercam, como bem nos traz Freire (1987 p.78) ao afirmar que “o diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu”. É de grande relevância que o diálogo de fato aconteça, seja ele verbal, ou gesto-visual.

É preciso primeiro que, os que assim encontram negados no direito primordial de dizer a palavra, reconquistem esse direito, proibindo que este assalto desumanizante continue. Se é dizendo a palavra com que, “pronunciando” o mundo, os homens o transformam, o diálogo se impõe como caminho pelo qual os homens ganham significação enquanto homens. Por isto, o diálogo é uma exigência existencial (FREIRE, 1987, p. 78-79).

É nesse sentido, que vale ressaltar a presença e efetivação do diálogo entre todos, surdos e ouvintes, levando em consideração as dificuldades e habilidades existentes, mas também vendo-as como um suporte para enfrentar as diferenças existentes na comunicação.

Questão 4:

Como ocorre o processo de interpretação em Libras na vida educacional dessa aluna surda?

Intérprete: *A interpretação acontece através da língua de sinais, após o intérprete ouvir todas as falas e explicações dos professores, e transmite fielmente todo conteúdo explanado em sala de aula, garantindo ao surdo sua compreensão, interação e socialização com todos contribuindo para sua aprendizagem.*

O intérprete de Libras desempenha um papel de grande relevância na comunicação entre surdos e ouvintes, é ele o responsável por interpretar, transmitir e mediar o conteúdo para o surdo, permitindo uma relação saudável e de interação com todos os sujeitos inseridos na sala de aula.

A perspectiva da interação é de uma atividade interativa dinâmica. As questões nesse sentido são: como todos os participantes estão elaborando o sentido sobre o

que estão falando? O que eles estão fazendo ao falar? Esta interação é uma atividade em que os participantes determinam a cada minuto o significado de alguma coisa que é dita. Essa atividade envolve um ato interpretativo baseado na experiência dos participantes em situações similares, bem como o conhecimento gramatical e lexical (QUADROS, 2003, p. 80).

É importante que o intérprete seja responsável, a ponto de organizar as informações obtidas e passar para o aluno de forma clara e precisa, “(...) ele processa a informação dada na língua fonte e faz escolhas lexicais, estruturais, semânticas e pragmáticas na língua alvo que devem se aproximar o mais apropriadamente da informação dada na língua fonte” (BRASIL, 2004, p.27). O intérprete por vez, tem a função de processar a informação dada através da língua portuguesa, e transmitir ao surdo em língua de sinais buscando possibilidades para criar idéias que levem o surdo a garantir o conhecimento e aprendizagem do conteúdo que está sendo exposto, nesse sentido, é necessário que o intérprete apresente também um conhecimento prévio sobre o assunto tratado.

Questão 5:

Qual o papel que o intérprete de Libras representa na inclusão educacional do aluno surdo?

Intérprete: *O intérprete tem o ofício de ser o principal meio comunicativo entre o surdo, colegas, professores e equipe escolar. Seu papel no ambiente escolar é auxiliar na tradução do diálogo entre pessoas que compartilham de línguas e culturas diferentes. O interprete é a voz do surdo.*

Nessa perspectiva, o intérprete auxilia o surdo a desenvolver suas habilidades, diante das dificuldades encontradas, bem como a desenvolver um canal de comunicação entre professores e o conteúdo ministrado na aula. Dessa forma, afirma Lacerda et al. (2011, p.5): “O objetivo principal não é apenas traduzir mas buscar juntamente com professor meios diferenciados de ensino para que o aluno surdo possa ser favorecido por uma aprendizagem especificamente elaborada e pensada e conseqüentemente eficiente”.

Sendo assim, a atuação do intérprete se torna indispensável, pois sem a sua presença fica inviável para o aluno surdo ter acesso aos conhecimentos e compreender os conteúdos que são ministrados pelos professores ouvintes que não se apropriam da língua de sinais.

O questionário abaixo foi aplicado a mãe da aluna/filha surda, com o fim de capturar informações sobre a importância da Libras e a relação família e escola.

Questão 1

Com quantos anos descobriu que sua filha era surda e como foi essa descoberta?

Mãe: *Com 1 ano e 6 meses de idade, a descoberta aconteceu, pois notamos que ela não falava nada.*

Após descobrir o fato da filha ser surda, é necessário buscar meios para aprimorar o diálogo e a comunicação de todos na família, pois é ela que é a grande responsável de promover a primeira formação, e isso só pode acontecer, se existir entre os membros da família uma língua em comum, nesse caso a Libras.

Negrelli e Marcon (2006, p. 103) alegam que:

A participação da família na comunicação do surdo, por meio dos sinais, possibilitará a esse indivíduo a interação com o mundo e tornará o convívio mais agradável e feliz. Igualmente essa língua, na educação e nas escolas, vai proporcionar a vivência de uma realidade bilíngue das relações culturais, institucionais e sociais.

É necessário o interesse dos pais em buscarem meios para se comunicar com o filho, que os fara se sentirem aceitos e amados, facilitando assim o contato e convívio com todas as pessoas que o cercam.

Questão 2

A sua filha usa a Libras na comunicação? Como foi o processo de aquisição desta língua?

Mãe: *Usa sim. Ela aprendeu inicialmente no AEE (Nova Cruz), e em seguida no Centro de Apoio ao Surdo (CAS), esse processo facilitou bastante a comunicação.*

A busca por aprender a língua de sinais se torna algo preponderante para a comunicação do surdo com o ouvinte, após descobrir que o filho é surdo, é de grande importância que a família busque por meios que facilitem a interação, “procurando se comunicar e passar todas as informações para a criança surda uma relação de diálogo, onde exista uma efetiva troca de saberes e da aceitação da identidade surda” (STROBEL, 2008, p.52), para que juntos possam desenvolver uma relação harmoniosa, superando barreiras e desafios, e descobrindo a cada dia mais a riqueza da comunicação através da língua de sinais, que possibilita discutir os mais variados assuntos, e interagir com as informações do meio social.

Como assinala Felipe (1997, p. 37):

Por meio da língua de sinais é possível a expressão de conteúdos sutis, complexos ou abstratos, de modo que os seus usuários podem discutir qualquer área do conhecimento, da filosofia à política, utilizando-se dos seus recursos, como ocorre com qualquer outra língua, para consolidar a comunicação, isto é, para conferir conteúdo significante aos objetos do mundo e às pessoas que o cercam.

Partindo desse pressuposto, pode-se identificar a importância da aquisição da Libras para a comunicação e interação do surdo com o meio social. Embora haja as diferenças, e os limites entre a língua oral, e a língua visual, a Libras é uma língua genuína que facilita a interação com o mundo.

Questão 3:

Como é a relação que a família tem com a escola que a aluna estuda?

Mae: A relação é boa, a minha filha dispõe de uma interprete de Libras que muito a ajuda na compreensão dos conteúdos ministrados, também estou sempre disposta quando me solicitam para reuniões, ou para outros eventos.

A família e a escola apresentam papéis importantíssimos no processo de desenvolvimento e aprendizagem do aluno surdo, ambas instituições devem andar sempre de mãos dadas para cooperarem na formação humana e cidadã do sujeito, o aluno/filho surdo, necessita ainda mais dessa parceria para que possa se sentir acolhido, e incentivado, para assim obter um bom desenvolvimento educacional e social.

Na sociedade contemporânea, família e escola são dois contextos de promoção de desenvolvimento, socialização e educação da criança, que se definem e são diferenciados por padrões de comportamento, de objetivos, de procedimentos para transmissão de informações que lhes competem (PEREZ, 2008, p. 12).

Nessa perspectiva família e escola são grandes aliadas no processo de desenvolvimento do aluno surdo, uma vez que, se a família busca estar junto da escola na formação do filho, este, como consequência vai obter sucessos futuros, o que também facilitará na comunicação e integração como o meio social ao que está inserida. Daí a importância da participação efetiva dos pais, para que assim possa gerar esse espaço de aprendizagem mútua.

Questão 4:

Quem da família aceita e utiliza a língua de sinais? Relate como foi seu processo de

aquisição e aceitação desta língua pelos membros da família.

Mãe: *Todos, pai, mãe, irmã e os primos aprendem com ela. O processo de aquisição da Libras na família, começou por mim que sou mãe, busquei junto com ela me aprimorar na Libras através e assim fui transmitido para os demais.*

O interesse por parte da família é um ponto chave para o desenvolvimento da pessoa surda, a partir do momento que a família aceita a diferença e busca meios para intervir, a situação melhora o surdo passa a ser visto como um sujeito igual a qualquer outro, que apresenta apenas algumas limitações que podem e devem ser quebradas, a família é a base para o desenvolvimento, tendo em vista que é a primeira instituição e tem o fim de educar e de ensinar os preceitos.

A família também é o primeiro ambiente de socialização em que o sujeito está inserido, isso faz com que o papel da família seja de educar e transmitir valores, ajudando na construção e formação do filho.

Para melhor compreender, destaca-se as palavras de Cupello (1994) citado por Pereira, 2008, p. 37) :

O mais importante agente de socialização é a família, pois a mesma executa a tarefa crucial de socializar a criança e modelar o desenvolvimento de sua personalidade, por isso, cabe a família da criança surda desdobrar-se em paciência e carinhos constantes para exercer; além de seus papéis tradicionais, o de completar, em casa a aprendizagem da linguagem. A afetividade é imprescindível para o seu ajustamento emocional e a sua segurança íntima.

Mediante determinada citação, é possível perceber os cuidados que a família deve ter, que vai bem mais além do já determinado, pois nesse caso, deve-se cuidar também das especificidades do surdo, se adequando as necessidades, e estando dispostos a se doarem para juntos buscarem um melhor aprendizado do filho surdo.

Questão 5:

Quais avanços é possível perceber por meio do uso da Libras no que diz respeito a interação entre a pessoa surda e os familiares?

Mãe: *Muitos avanços, pois a língua de sinais nos ajudou bastante a compreender Mariana seus anseios e dúvidas. Todos respeitamos ela e tentamos nos comunicar cada vez mais. Não*

uso o termo “muda”, pois ela é surda, tem apenas uma limitação e merece respeito a começar da família.

O respeito é algo fundamental e deve acontecer de forma recíproca no seio familiar, a família precisa se dispor a aceitar o filho surdo e reconhecer sua capacidade em desenvolver habilidades que lhes são específicas, é necessário que essa aceitação aconteça de fato, primeiro na família que é o ambiente onde o surdo desenvolve afetividade, e a construção de sua personalidade.

A Libras faz com que essa interação e diálogo aconteça, quando a família se adequa á realidade do surdo é possível aprender e se desenvolver junto com ele, gerando assim esse elo de amor e respeito.

A participação da família na comunicação do surdo, por meio dos sinais, possibilitará a esse individuo a interação com o mundo e tornará o convívio mais agradável e feliz. Igualmente essa língua, na educação e nas escolas, vai proporcionar a vivência de uma realidade bilíngue das relações culturais, institucionais e sociais (NEGRELLI & MARCON, 2006, p. 103).

Nessa direção, o interesse dos pais em buscarem se aprimorar na língua de sinais se torna um instrumento considerável para que o surdo se sinta amado e aceito no meio familiar, levando-se em consideração que a Libras deve ser a língua materna do surdo. Aprender a se comunicar nessa língua, é permitir interagir com o filho atendendo suas especificidades, seus pedidos, e seus desejos. É fazer com que este se sinta importante, e seja integrante do meio social no cenário em que vivemos.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho nos faz refletir sobre a importância de ter a Libras como uma língua natural e genuína em nosso País, língua esta que é o canal de comunicação entre surdos e ouvintes. A perspectiva histórica da educação dos surdos mostra um longo período de lutas, rejeição e dificuldades vivenciadas pelos mesmos, para alcançar conquistas e direitos que hoje lhes são permitidos.

Ao conhecer a história da pessoa surda e suas variadas relações com a sociedade é possível notar que é uma bagagem de muitas lutas e dificuldades, porém é válido considerar que foi graças a esse momento de sofrimento que algumas coisas muito importantes foram conquistadas para a comunidade surda, dentre elas o acesso do surdo a escola, e ao uso de uma língua natural e materna. A pesquisa permitiu compreender a grande relevância do papel desempenhado pelo profissional intérprete de Libras nas escolas inclusivas, onde o mesmo é o responsável por ser transmissor e mediador do conhecimento, facilitando assim o convívio com todas as pessoas, promovendo a socialização e aceitação do surdo entre os ouvintes. A pesquisa realizada leva-nos a refletir e compreender o contexto de como se dá atuação do intérprete de Libras, mediante a importância dessa língua natural e genuína para o uso dos surdos, bem como a relevância de promover a interação entre escola e família, tornando a vida da pessoa surda melhor, obtendo como consequência um desenvolvimento melhor na sua vida escolar e social.

Neste trabalho foi explanada a relação família escola e a importância da Libras na vida do sujeito surdo, enfatizando o histórico da educação dos surdos e as leis que dão direitos as pessoas surdas. Outro ponto relevante é a interação entre família e escola, pois pais e corpo escolar precisam buscar juntos meios para garantir o conhecimento e aprendizagem do filho/aluno, incentivando um progresso constante.

Nessa perspectiva foi possível observar também que com o apoio da família, a escola desempenha um papel com mais qualidade e equidade, gerando um comprometimento de ambas partes, onde as mesmas estão interessadas no desenvolvimento escolar e social do aluno/filho.

Através desse estudo foi possível ampliar os conhecimentos na área da educação dos surdos. Dessa forma é válido observar que a família e escola desempenham um papel essencial na educação e formação do sujeito surdo, levando em consideração que são duas instituições formadoras de opiniões. Essa interação pode contribuir de forma satisfatória no desenvolvimento do cidadão.

O presente estudo constatou as contribuições que a Libras traz na vida do surdo. Esta língua sendo considerada língua natural permite que este sinta-se confortável perante as dificuldades encontradas na comunicação dos ouvintes. A Libras possibilita criar um canal de comunicação entre surdos e ouvintes, bem como facilita no processo de aquisição de conhecimento. Ao refletir sobre a Língua Brasileira de Sinais foi possível observar que é o meio de garantir a comunicação e socialização das pessoas surdas na sociedade, bem como é um fator preponderante que contribui para a valorização da cultura surda.

A partir do estudo posso afirmar que, o estudo trouxe inúmeras contribuições e aprendizados para minha vida acadêmica e social, pois pude compreender e refletir sobre o quanto é importante a Libras, uma vez que muitas vezes é vista apenas como códigos e gestos para a comunicação dos surdos, onde isso representa um dos mitos, a língua de sinais é uma verdadeira língua que permite haver a interação e socialização de todas as pessoas sejam elas surdas ou ouvintes.

Enfim não devemos deixar de estender a nossos alunos condições necessárias de aprendizagem. Devemos inserir a LIBRAS como parte integrante do currículo escolar e, conseqüentemente, proporcionar ao surdo uma inclusão e compreensão do mundo ao seu redor. Para a academia, esse trabalho detêm uma grande relevância, pois, tendo em vista que a pesquisa foi realizada em uma escola que apresenta uma única aluna surda, surge a possibilidade de realizar pesquisas futuras em outras instituições que possam analisar como se dá a relação entre família e escola para o desenvolvimento do aluno surdo, a ponto de ver que a partir dessa interação, e do uso da Libras como uma língua natural, é possível criar um mundo mais igualitário entre surdos e ouvintes.

REFERÊNCIAS

ARANHA, M. S. F. Paradigmas da relação da sociedade com as pessoas com deficiência. **Revista do Ministério Público do Trabalho**, Ano XI, n.º 21, março, 2001

BEHARES, Luís Ernesto. **Novas correntes na educação do surdo**: dos enfoques clínicos aos culturais. Santa Maria, UFSM, 2000.

BRASIL. **Resolução n. 02/2001**. Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Brasília: CNE, 2001.

_____. **Decreto nº 5626**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098 de 19 de dezembro de 2000. Publicada no Diário Oficial da União em 22/12/2005.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial Programa Nacional de apoio à educação de surdos. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de Sinais e língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEESP, 2004.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Lei n 12.319, 1 de setembro de 2010**. Dispõe sobre profissão de tradutor e interprete de libras e dá outras providencias. Disponível em: <http://www.portaldeaccessibilidade.rs.gov.br/legislacao/4/406>. Acesso em 14 ago 2019.

_____. **Lei Nº 13.005/2014**. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Brasília: PNE, 2014. Disponível em: <http://pne.mec.gov.br/18-planos-subnacionais-de-educacao/543-plano-nacional-de-educacao-lei-n-13-005-2014>. Acesso em: 27 out. 2019.

BRITO, L. F. et. al. **Língua Brasileira de Sinais-Libras**. In:_____. (Org.) BRASIL, Secretaria de Educação especial. Brasília: SEESP, 1998.

CAPOVILLA, Fernando C. Filosofias educacionais em relação ao surdo: Do oralismo à comunicação total ao bilinguismo. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 6, n. 1, 2000, p. 99-116.

CICCONE, Marta. **Comunicação total**: introdução, estratégias a pessoa surda. 2ª ed. Rio de Janeiro: Cultura Médica, 1996.

FELIPE, T. A. (org). **Introdução à gramática da Libras**. Série Atualidades Pedagógicas. Brasília: SEESP, v. 4, 1997.

FERNANDES, Sueli. **Educação de surdos**. 2ª ed. Curitiba: Ibope, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GESSER, A. **Libras? Que língua é essa?** Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Editora Parábola, 2009.

GOLDFELD, Márcia. **A criança surda**. São Paulo: Plexus, 1997.

HONORA, Márcia; FRIZANCO, Mary Lopes Esteves. **Livro ilustrado de Língua Brasileira de Sinais: desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009.

JARDIM, A. P. **Relação entre Família e Escola: Proposta de Ação no Processo Ensino Aprendizagem**. Presidente Prudente: Unoeste, 2006.

LACERDA, C. B. F.; SANTOS, L. F. dos; CAETANO, J. F. Estratégias metodológicas para o ensino de alunos surdos. In: Coleção UAB – UFSCar. **Língua de Sinais Brasileira: uma introdução**. São Carlos: Departamento de Produção Gráfica da USFCar, 2011.

LEITE, Emeli Marques Costa. **Os papéis do intérprete de libras na sala de Aula inclusiva**. 190 p. Dissertação. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.

LODI, Ana Claudia B. Letramento e surdez: um olhar sobre as particularidades dentro do contexto educacional. In: _____. (orgs.). **Letramento e minorias**. Porto Alegre: Mediação, 2003. p. 35-46.

MAZZOTTA, Marcos José Silveira. **Educação especial no Brasil: História e políticas públicas**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MEIRIEU, P. **O cotidiano da escola e da sala de aula: o fazer e o compreender**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

MOURA, Maria Cecília de. **O surdo: caminhos para uma nova identidade**. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.

NEGRELLI, Maria Elizabeth Dumont; MARCON, Sonia Silva. Família e Criança Surda. **Revista Ciência, Cuidado e Saúde**, Maringá, v.5, n.1, jan./abr. 2006. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/congressomultidisciplinar/pages/arquivos/anais/2013/AT07-2013/AT07-031.pdf>. Acesso em: 29 set. 2019

OSORIO, Luiz Carlos. **Família Hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

PAROLIM, Isabel. **As dificuldades de aprendizagem e as relações familiares**. Fortaleza, 2003.

PEREIRA, Rachel de Carvalho. **Surdez: aquisição de Linguagem e Inclusão Social**. Rio de Janeiro: Revinter, 2008.

PEREZ, Márcia Cristina Argenti. Família-escola: discutindo finalidades, rupturas e desafios no processo educativo. In: CAPELLINI, V. L. M. F. (Org.). **Práticas em educação especial e inclusiva na área da deficiência mental**. Bauru: MEC/FC/SEE, 2008. p. 12-15.

QUADROS, Ronice Muller de. **Educação de Surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artmed, 1997.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social: Métodos e técnicas** 3ª ed. São Paulo: Atlas, 2012.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão: Construindo uma sociedade para todos**. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

STOBÄUS, C. D; MOSQUERA, J. J. M. (org.) **Educação especial: em direção à educação Inclusiva**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis. Ed. da UFSC, 2008.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VOSS, C.; TSIKRIKTSIS, N.; FROHLICH, M. **Case research in operations management**. International Journal Of Operations & Production Management, v. 22, n. 2, p. 195-219, 2002.

_____. **Historicismo: O conflito do Congresso de Milão 1889**. In: _____. História da Educação de surdos. 49 p. Monografia, curso de licenciatura em Letras-LIBRAS, Universidade Federal de Santa Catarina. 2009.

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CENTRO OSMAR DE AQUINO – CAMPUS III**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Concordo em participar, como voluntário, da pesquisa que tem por título: “**LIBRAS E A RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA: CONTRIBUIÇÕES PARA A INCLUSÃO DA PESSOA SURDA**” que tem como pesquisador responsável a aluna Alícia de Oliveira Targino, do curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, Câmpus III, que pode ser contatada pelo e-mail alicia_targino@hotmail.com e pelo telefone (84) 987430415. Tenho ciência de que o estudo tem em vista realizar dois questionários acerca de como se dá a relação da família e escola na inclusão do surdo por meio da Libras para a elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso. Minha participação consistirá por meio de formulário/questionário impresso para ser preenchido por mim. Entendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa acadêmica, que os dados obtidos serão divulgados, e que nesse caso será preservado o anonimato dos participantes, assegurando assim minha privacidade. O aluno providenciará uma cópia da transcrição da entrevista ou do formulário/questionário da entrevista para meu conhecimento. Além disso, sei que posso abandonar minha participação na pesquisa quando quiser e que não receberei nenhum pagamento por esta participação.

Assinatura

Passa e Fica-RN, ____ de _____ de 2019.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO COM A INTÉRPRETE



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CENTRO OSMAR DE AQUINO – CAMPUS III**

- 1- Quando ocorreu o ingresso da aluna na escola e como foi o processo de adaptação entre os alunos surdos e ouvintes?
- 2- A aluna aprendeu a sua língua Libras na escola, ou já sabia? Se foi na escola, quem a ensinou?
- 3- Como é a relação com os colegas de classe ouvintes, intérprete e demais professores?
- 4- Como ocorre o processo de interpretação em Libras na vida educacional dessa aluna surda?
- 5- Qual o papel que o intérprete de Libras representa na inclusão educacional do aluno surdo?

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO APLICADO COM A MÃE



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO CENTRO OSMAR DE AQUINO – CAMPUS III

- 1- Com quantos anos descobriu que sua filha era surda e como foi essa descoberta?
- 2- A sua filha usa a Libras na comunicação? Como foi o processo de aquisição desta língua?
- 3- Como é a relação que a família tem com a escola que a aluna estuda?
- 4- Quem da família aceita e utiliza a língua de sinais? Relate como foi seu processo de aquisição e aceitação desta língua pelos membros da família.
- 5- Quais avanços é possível perceber por meio do uso da Libras no que diz respeito a interação entre a pessoa surda e os familiares?